

O dizer laço, para além dos dispersos disparatados

Guilherme Arthur Possagnoli Freitas

Resenha de Colette Soler, *O que faz laço?*
São Paulo, Escuta, 2016, 148 p.

Freud, Lacan e o laço

Antes de iniciar as reflexões de como a psicanálise pode contribuir para a compreensão daquilo que “retém os corpos invisivelmente” (p. 15), Soler contextualiza as produções basilares freudianas e lacanianas sobre o *laço*. Freud não usa esse termo, mas questiona-se sobre os fundamentos da civilização. São anunciados no livro dois temas freudianos sobre a fundação da civilização, a saber: a perda originária, como condição primária dos laços, e a estrutura libidinal da massa, condição de manutenção desta.

A perda originária, enquanto fundamento da civilização, relaciona-se com a narrativa mítica freudiana presente em *Totem e tabu* (1913), segundo a qual, pelo parricídio, os irmãos teriam se organizado em uma horda fraterna. A estrutura libidinal da massa é descrita em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), onde Freud articula

1 Trata-se de uma referência lacaniana sobre o “grupo dos analisados” presente em *Prefácio à edição inglesa do seminário 11*, consiste em dizer que não se pode falar de um grupo identitário, mas apenas em sujeitos dispersos, que devem ser tomados um a um, apontando, assim, a radicalidade do processo de destituição subjetiva e identitária da análise. Também chamados de esparsos disparatados.

Guilherme Arthur Possagnoli Freitas é psicólogo e psicanalista, membro do Instituto de Psicanálise Clínica e Pesquisa.

ideias a respeito de como o líder é colocado na posição de ideal de eu da massa, cujos componentes se identificam entre si, a partir da crença em um líder que ama a todos igualmente. A coesão é ainda mais poderosa quando o líder, além de ocupar o lugar de ideal, ocupa o lugar de objeto da libido, respectivamente I(A) e objeto a, para Lacan. Quando essa conjunção se realiza, observam-se efeitos semelhantes à erotomania coletiva e à relação entre a criança e o pai.

O eixo de investigação proposto por Soler consiste em perguntar se é possível pensar um laço que não siga a lógica identificatória, presente em ambos os aspectos recém apresentados: identificação com o pai morto e identificação com o líder. Para tanto, em busca de uma saída, ela coloca na berlinda o laço analítico, o laço supostamente avesso às identificações, que produziria os dispersos. Questiona de que ordem seria o laço analítico, formalizando a seguinte reflexão: a análise produz apenas dispersos disparatados¹, identificados com seus próprios gozos e com as “dificuldades que existem para se fazer funcionar [...] os laços que não sejam como os de exército e para se obter uma cooperação que não seja somente de artimanha competitiva” (p. 47). Ou, por outro lado, se a análise é um modelo de massa a dois, como Freud teria dito sobre a hipnose, sem ter promovido saída das lógicas identificatórias. Sendo assim, toda a crítica à identificação com o analista feita por Lacan seria estéril.

Antes de prosseguir com as elaborações da autora, é importante apresentar o percurso percorrido ao longo do livro, que ultrapassa o questionamento inicial sobre a especificidade do laço analítico.

O Percurso

Para dar conta de responder à indagação que dá título a seu livro, Soler analisa duas proposições lacanianas, que estabelecem fios norteadores da discussão que se seguirá no texto. A primeira é “não há relação sexual” [*il n’y a pas rapport sexuel*],

presente em “Radiofonia” (1970), em que Lacan diz sobre o desencontro estrutural entre os sexos, o mal-estar sexual ou até a “maldição sobre o sexo” (p. 13). A segunda é o “Há um” [*Y a d’l’Un*], elaborada no seminário XIX de Lacan, que funciona como uma espécie de par complementar, um contrapeso, ao “não há” [*n’y a pas*] da relação.

O *Há um* é desdobrado ao longo do texto em diversos Uns do *falasser-parlêtre*, junção de *parler* (“falar”) e *être* (“ser”), poderíamos dizer o “ser falante”. A tentativa de Lacan, segundo Soler, é de dar algum limite ao desencontro da relação sexual. Alguns exemplos são o *Um-corpo*, *Um-sintoma*, *Um-gozo*, *Um-exceção* e *Um-dizer*, conceitos que são utilizados para articular a singularidades dos sujeitos e suas possibilidades de laço/relação.

Para termos uma ideia da obra, Colette Soler parte das produções de Freud e Lacan, para enquadrar a pergunta que intitula seu livro, chega ao conceito de intersintomatologia e finaliza abordando a função *dizer* – relativa ao *sinthoma* – em sua dimensão contingencial e construtora de laços. O paradigma explorado nessa parte final é a publicação de *Finnegans Wake* por James Joyce, que lhe permitiu inscrever-se em um laço com seus leitores e fazer suplência ao “efeito de laço social do Pai” (p. 146).

As massas e a transferência

Retomando a pergunta sobre o laço analítico produzir algo além de dispersos ou laços identificatórios, Soler analisa o caminho percorrido pelas elaborações do conceito de transferência em Lacan. A tese defendida é que há um laço analítico, que é diferente do laço com o líder e tem um fim definido. Para a autora, as últimas formalizações lacanianas sobre a transferência estão em “Introdução à edição alemã dos Escritos” (1976). Lacan defende, neste texto, que o que permite a entrada em análise é a transferência ao saber, o amor ao saber, a miragem de um saber no inconsciente, por conseguinte também dos sintomas e do desejo.

Porém, a prática analítica não se limita à transferência e ao amor. Para Soler, a psicanálise

avança em relação à *massa* freudiana. Um passo dado por Lacan, quando, contrariando as teses de identificação com o analista, como modelo na direção do tratamento e liquidação da transferência, propôs a identificação ao *sinthoma*. Identificação, porém, diferente daquela da massa freudiana que supõe um assujeitamento ao Outro. A identificação ao *sinthoma* marcaria a posição dos dispersos disparatados, na qual há uma separação em relação ao Outro.

Portanto, apesar de prever um fim para a transferência, o laço analítico não nos forneceu um avanço em relação à temática do laço, já que não podemos falar de algo além dos que se identificariam com seu próprio gozo. A solução é buscar “uma escapatória à alternativa entre a multidão e a dispersão” (p. 47). Por isso Soler desloca a atenção para a identificação histórica proposta por Freud, um laço constituído entre os sujeitos, por intermédio do desejo.

A histeria-laço

A histeria, apesar de ser uma estrutura clínica, não se resume a ela. Falamos comumente da histerização do sujeito em análise, por exemplo. A identificação histórica é o terceiro tipo de identificação segundo a classificação proposta por Freud e não se limitaria aos históricos. Soler investiga mais a fundo a relação entre o desejo, o objeto *a* e a histeria, que é caracterizada como a estrutura clínica que se mostra ávida de desejo de desejar, mantendo-se insatisfeita – renunciando ao objeto de satisfação – para poder continuar desejando. Percebemos assim a ligação entre o laço histórico e o desejo.

O sintoma-laço da histeria é exemplificado pelo caso Dora. Neste estrato, a questão sexual volta à cena, já que aqui faz-se laço até com o que está excluído do laço social, o corpo a corpo do casal sexuado. Neste sentido, o sintoma-laço da histeria é sempre feito a três: a histórica, o outro e seu sintoma; Dora – Sra. K – Pai, por exemplo. A partir dessa concepção, presente no seminário

R. S.I. (1975) e em “Joyce avec Lacan” (1975), há o deslocamento da ideia de intersubjetividade para intersintomatologia.

Além do modelo na histeria, o sintoma-laço pode ser pensado quando, no mesmo seminário de 1975, Lacan coloca, como nos lembra Soler, que “uma mulher é um sintoma para um homem” (p. 80). Entrevemos, portanto, que apesar da função comum des-socializante do sintoma, esses dois exemplos apontam uma outra possibilidade para pensar a relação do sintoma com o laço.

Do sintoma ao sinthoma

Soler avança nas teorizações sobre o sintoma [*symptôme*] e o sinthoma [*sinthome*]. Nas palavras de Soler, a distinção entre as grafias seria definida entre: “o que chamei de sintomas autistas e que, portanto, não podem fazer laço, dos sintomas borromeanos, os quais, ligando as três dimensões do imaginário, simbólico e real, também enlaçam os corpos sintomais” (p. 96). Lacan fala da euforia de Joyce durante a escrita de *Finnegans Wake* como um exemplo de gozo autista do sinthoma. Apesar disso, o sinthoma não se restringe ao seu gozo opaco, como veremos mais adiante.

Segundo Soler, no seminário XXIII encontramos a última formulação lacaniana do sintoma. Joyce e seu sintoma de rodinhas [*sint'home rule*] são o paradigma. As rodinhas que rolam [*rouler*] por homofonia se relacionam ao *rule* [lei], mas uma lei que não é imposta exteriormente ao sujeito, mas escolhida para si. O sinthoma de rodinhas representa também a dimensão da cessação da busca por sentido no sintoma, fim da busca pela verdade do sintoma. O ponto de chegada das elaborações de Soler é a articulação da função

dizer com o sinthoma, mas antes a autora contextualiza a origem da função dizer, que é anterior à elaboração de Joyce e seu sinthoma.

A função *dizer* foi elaborada por Lacan em 1972, no texto “O aturdido”. Soler ressalta o caráter de ato, relacionado ao dizer, ato existencial. No princípio estava o dizer [*dire*], que Lacan relaciona ao *dieure*, *deuzer*, o criador, enfatizando a dimensão de escolha; criação que embasa como a partir do simbólico comum, *alíngua*², é apropriado pelo *falasser* e permite seu “rolar” pelo mundo.

Ademais a autora aponta a peculiaridade, presente em “O aturdido”, de o discurso analítico se fazer em torno de dois dizeres. O do analisante, com sua demanda nodal, da ordem do dizer solitário, e o dizer do analista, *apofântico* oracular, que não esconde nem revela, mas, a partir de sua presença, busca fornecer um limite ao não diálogo (que é a lei do *falasser*). Sobre a função do analista, Soler utiliza o exemplo do *visto*, feito pelos professores do primário sobre as atividades; quando estas ainda não foram ajuizadas, mas apenas recebidas, como analogia com o suspender os ditos do analisante e evidenciar seu Um-dizer. Essa concepção da interpretação articulada por Lacan provoca Soler para questionar o fim de análise elaborado como a queda do sujeito suposto saber, ou a queda na esperança do dizer da verdade. Para a autora, o Um-dizer-só do analisante, em sua demanda, encontra em análise um parceiro que tem chance de responder, e colocar algum limite no não diálogo fundante do *falasser*, e é isso que o analisante precisa abandonar no fim da análise.

Após explorarmos a origem da função *dizer* e a relação com a dinâmica da análise, voltemos à articulação da função dizer do sinthoma de Joyce. Lacan utiliza “sinthoma”, na antiga grafia, segundo Soler, para os dois movimentos do artista: o gozo na escrita de *Finnegans Wake*, gozo autista; e a publicação do livro, que permitiu a criação de O artista, seu dizer.

Joyce, em seu gozo opaco do sintoma, presente na escrita de seu livro, é elogiado por Lacan, relacionando-o a um movimento emancipatório do:

2 A. Quinet (“Lalíngua e o sinthoma”) sobre *alíngua*: “termo que remete à anterioridade da articulação de significantes que precipita uma significação, como a lalação ou tatibitáti das crianças. Lalíngua é o conceito que Lacan cria para falar do efeito da linguagem no sujeito, extraído o seu efeito de sentido. Isso porque a linguagem não tem existência teórica, mas ela sempre intervém sob a forma de uma língua” (*Línguas e Instrumentos Linguísticos* n. 38, jul.-dez., p. 244). Disponível em <http://www.revistalinguas.com/edicao38/cronica2.pdf>.

sonho no qual estamos, devido ao discurso que organiza a realidade por meio do simbólico e do imaginário, a realidade com tudo o que ela implica de pré-concepção, da bandeja de preconceitos, de *habitus* regulando os corpos e seus relacionamentos, os desejos e os pequenos bônus de gozo admissíveis em um dado laço social (p. 144).

Joyce aparece, então, como protótipo da busca de não sentido do *sinthoma*, do real dessocializante, do gozo autista emancipatório. Apesar disso, Lacan afirmou que a psicanálise, ao valorizar o registro do sentido, desvaloriza esse gozo; e surpreendeu-se pelo fato de Joyce não ter necessitado de análise para escolher publicar seu livro, publicação que modificou o estatuto de seu gozo. Com a publicação do livro, Joyce instituiu-se como *O artista*, e se inscreveu em um peculiar laço social com seus leitores. Vale ressaltar, portanto, que é o *sinthoma* de Joyce em sua dimensão de dizer que permitiu seu enlace social.

Antes de encerrarmos o assunto Joyce, cabe-nos uma reflexão. Apesar de apontar o laço feito por Joyce, “por seu dizer ele se instituiu como artista, o único, não um entre outros; restaurou seu ego e se inscreveu no estranho laço social com seus leitores” (p. 146), Soler destaca em outra passagem que “A literatura pode falar de nosso estatuto proletário [...] mas ela mesma não cria um laço social. Leitor-autor, isso não faz um laço social” (p. 113). Far-se-ia necessário, então, analisar com maior profundidade o porquê de Joyce

funcionar como exceção ao estatuto ordinário da literatura. Poderíamos pensar em literaturas que exercem a função de dizer e outras que não? O que as separariam?

Considerações finais

Soler conclui o livro indicando a *tyché* – termo grego, “destino” no sentido de “fortuna” – própria ao aparecimento do dizer e a contingência no surgimento de um discurso e seu fundador. Discursos que, assim como a psicanálise, possam fazer frente ao real, ao qual o *falasser* é alérgico; a exemplo do pai, que perante ao real da não relação sexual oferece o modelo do casal sexuado como suplência; ou como o analista, que a partir de seu dizer oferece limites ao não diálogo, fazendo suplência a não relação e ao *Há-um* só do analisante. O analista, assim, faz frente ao real do capitalismo, em que todos são proletários, propondo um laço artificial, suplente, e que talvez possa criar, olhando para as instituições analíticas e a função dizer, mais do que dispersos disparatados.

Percebemos o caráter exploratório e investigativo do livro – com a excelente didática característica da autora – que realiza sínteses importantes e transversais da obra de Freud e Lacan, em conceitos como: *sinthoma*, transferência, real, identificação e os discursos.